



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Visado pela Censura do Porto

INCENDIÁRIOS

EU cá não leio nada. Não estudo nada. Não sei nada. Tenho só um livro; é o Novo Testamento. Começo no principio e vou por aí fora até ao fim. Torno a começar e vou, vou, vou, até acabar. Isto durante um ano. Isto durante dois. Isto sempre. São perigosos os homens dum só livro e podem vir a ser incendiários. Cautela! Não sei nada, ia dizendo, mas tiro muitas coisas por dedução. Conta-se que um homem, pela queixada dum fossil, tirou o corpo inteiro do animal, como ao depois se verificou num cemitério de bichos antediluvianos. Duma pequenina parte, fez o todo. Este é justamente o poder da dedução. Ora o Novo Testamento, *traz queixadas*. Muitas *queixadas*. São palavras isoladas, escondidas,—fachos! E' questão de reparar, fazer pausa, olhar bem, e a luz aparece. Isto vem a propósito de uma carta que acabo de receber, de um jovem sacerdote, pároco de duas freguesias, da diocese da Guarda:

E' pena não ser êle conhecido de todos. A sua doutrina, ministrada por conta-gotas, não causa indigestão, e infiltra-se certamente, pela maneira do dizer. E' necessário que nós, os padres, compreendamos, e sem demora, que temos de a pôr por obra. Os adversários levar-nos-ão a palma, e adeus fiéis, adeus Igreja de Cristo, que mal irás por culpa nossa.

Adeus Igreja de Cristo, diz este meu colega. A Igreja é o testamento do Justo que o povo daquele tempo crucificou. Ficou o testamento e ficou o Testador. Não há melhor nem mais forte herança. Se nós, os do ocidente, lhe dissermos adeus, ficamos empobrecidos, sim, mas não a herança diminuída. Vai enriquecer outros povos.

A implantação da Igreja de Cristo, foi luta. A história antiga há-de necessariamente falar nisso. Há-de, porque mexeu com muitos povos, muitos costumes, muitas civilizações. Há-de, sim. Que o digam os estudiosos. Quanto a mim, o que sei, tenho-o do Novo Testamento. daquelas tais palavras escondidas nos textos — *queixadas*. Os primeiros impetus com o povo escolhido, os detentores da Promessa; os apóstolos eram justamente daquela grei. Isto deve ter sido a pior, porque luta de irmãos. A seguir, os grandes. Os grandes de Roma. Paulo prêso em Roma. Um apóstolo prisioneiro dos romanos. Nunca êle disse a ninguém que tinha sido prêso pelos romanos nem deles se queixou. Dizia-se prisioneiro de Cristo *vincetus in Domino*,—ô incendiário! A seguir, e neste mesmo espirito, os conquistadores da parte do mundo que hoje habitamos, quando essas terras tinham outros nomes e eram habitadas por outras gentes. Conquistadores contra conquistadores. De sorte que, quem quer que tenham sido e onde quer que hajam trabalhado, sabemos que som luta nada fizeram. Nada podiam ter feito. Seria a negação de uma verdade eterna. Lutaram como viram o Mestre lutar: sem morada certa, a comer espigas pelos campos, abençoando-se e quando amaldiçoados. Luta. A implantação da Igreja de Cristo foi luta.

A Igreja de Cristo, não pode quedar. Ela é acção por natureza. Não podemos viver dos feitos dos primeiros apóstolos; temos de fazer como eles fizeram. Sair para a rua, Conquistar. Dar a mão às algemas. Lutar. Só desta maneira é que caem os falsos deuses.

Sim, meu bom colega. Como muito bem diz, é necessário que nós, os padres, compreendamos. Gosto deste plural. Aceito e digo mais: E' necessário que os Seminários compreendam. Aqui é que bate o ponto. Em vez de sermos preparados para ganhar, havíamos mas é de ser preparados para perder a vida. A primeira noção é justa, é sã, é humana, sim. A segunda, é divina. E' a vocação sacerdotal. Vocação plena.

Eu risquei uma palavra na carta a que me reporto, com licença de quem escreveu. Aonde dizia os inimigos levar-nos-ão a palma, eu puz os adversários. Não gosto da palavra inimigos; antes quero adversários. Contra nós. Contra nós porquê? Primeiro um exame de consciencia. Uma consulta interior. Um olhar sincero e desapaixonado para eles e para nós outros. Oxalá não haja razões contra nós. Não sejam os adversários mais amigos de Deus do que nós! O' terrível conjectura! Nós quem? O meu colega o diz: nós, os padres.

Os tais adversários, ou inimigos, se assim lhes querem chamar; esses, que são infelizmente a maioria, hão-de ser nossos um por um, no dia em que virem nas nossas obras, as mãos, e na nossa linguagem, a fala de Jesus Nazareno. Só então e só assim, faremos amigos dos tais inimigos. Nós não podemos de maneira nenhuma ser um ornamento social, classe privilegiada, envolvidos nos negócios do seculo e interesses terrenos.

Não, que somos chamados a coisas mais altas. Antes, debruçados sobre as feridas alheias, esquecidos do que somos e do que valemos, anônimos, humildes, loucos. Assim munidos e prevenidos, sem sermos pesados a ninguém,

MAIS UM DONATIVO

Este é outro. E' de 25 contos, depositados no Banco Espírito Santo em Lisboa, à ordem da Casa do Gaiato em o dia 1 de Outubro deste ano. A papeleta diz «um anónimo» mas eu cá não sei se se trata d'êle ou se se trata d'ela. Que me sirva a lição dos cinquenta contos! Vamos que apareça em Lisboa mais uma mulher portuguesa? Deixa-me calar mas é! Isto não é obra de uma pessoa rica, porque rica. Não é. As fortunas são uma possibilidade e só isso. Trata-se aqui de um toque divino. Quem quer que depositou é feliz. Canonisação divina. Não chama Deus feliz ao que deposita para amontear, muito embora a si se considere e chame, qu-m assim faz. De que vale? Não passa dum adjectivo!

Toque divino, sim. Meu senhor ou minha senhora, consoante tiver sido, não diga nada a ninguém. Se entre tantos ou tantas, foi V. Ex.ª a pessoa escolhida, agache-se, guarde-se, não venha a perder o tesouro, por mostra-lo. Goze interiormente o dom da escolha. O nosso Deus não é de barulhos.

P. S. — Depois desta redigida, veio uma carta de Lisboa a dizer que foi uma mulher, mas não diz quem. Avisado andei eu! Dentro dum envelope comercial, omissão de tipo e forma comercial, omissão de depósito de uma admiradora da Obra da Rua. Que é dos homens da capital?

NOTA DA QUINZENA

Ao entrar hoje no Lar do Porto, o Julio comunicou que haviam estado ali dois senhores a saber se tinhamos um rapaz edoneo, os quais deixaram o seu cartão e nome da Firma. Não é a primeira vez que tal acontece. Outros senhores tem estado ali com igual propósito. Muito bem. Procuram-se rapazes no Lar do Gaiato. Não é a lei da oferta. E' a procura. E' o encarecimento. Bendito seja Deus de Israel!

Está para vir ao mundo a pessoa que não compreenda a alegria destas noticias, nos que tem sobre seus ombros obras desta natureza. Eu sou êsse homem. Mas a par dessa alegria existe o medo. O justificado receio, que estes rapazes não correspondam ou correspondam mal ao que deles se espera. Eu não me canso de prevenir. Não é sem uma intenção determinada, que nós damos a publicidade toda a série de actos desonestos que os rapazes cometem no à vontade da nossa aldeia. Vamos ao caso do *Zé da Lenha*, aqui citado no derradeiro numero. Ele é da casa há mais de dois anos. A quantos tribunais não tem êle assistido! Que bela doutrina não tem êle escutado sobre o setimo preceito da Lei! Quantas vezes não terá o *Zé da Lenha* ouvido da hõca do seu confessor a palavra quente e divina que auxilia o influxo da Graça

como os leitores tiveram ensejo de ver, dada a ocasião, aparece o ladrão! O rapaziinho, muito vivo e muito inteligente, rouba e leva outros a roubar! Quanto mais procuram os meus filhos, maior o medo que eles venham a falhar. Ainda outro dia fui pessoalmente a casa de um Patrão, dizer qual o ponto fraco de um; e sempre que passo pelo Lar do Porto, nunca deixo de chamar o dito muito para ao pé de mim, fixar os meus olhos pecadores nos dele, demorar a vista, penetrar na alma, prevenir — chama! Eu ando sempre cheio de medo. Eles são tantos. O mundo espera tanto deles!

Pessimista? Um cristão é por definição um homem que tudo espera e tudo crê. Pessimista não. Então quê? O sentido das realidades. Quem resiste à tentação do dinheiro? Se os bem nascidos caem nelas, que muito que estes assim façam? O dinheiro tem o poder de compra. As lojas, nas cidades, sucedem-se umas

às outras, todas a abarrotar. Dentro, caixeiros para servir. Facilidades. Orapaz espreita, tem a gorgêta que lhe deram ainda agora,—outra desgraça social! Ele é o mesmo que dantes espreitava àquela mesma porta!... Quando não tem gorjetas ou estas não chegam para aquilo que êle pretende, dá um passo em falso! Temos uma consolação: é que martelamos. Não passa um caso de furto nas nossas comunidades, que não seja descarnado até fazer sangue. Mais consolações: a certeza de que não perdemos os passos e que a Crença guarda tudo no peito para abrir... a seu tempo.

Mais consolação ainda: se é tão amargo ir buscar-lhes à alma o que a Rua lhes deu, quem havia de amargar o te-los deixado na Rua?!

Veneno não. Não lidamos com veneno. O veneno é morto. Mas tirar o amargo à vida dos outros, é dulcificar a própria. E' o prémio do amor.

DIRECTOR E EDITOR: — Padre Américo

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato do Porto—Papa do Zéneo

Vales do Correio para Certo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Non'Alvares R. Santa Catarina, 628-Porto

Preço 1400

UM DONATIVO

Não senhor. Não é outro donativo. Trata se, ainda, daquele mesmo de 50 contos de que nos temos ocupado. E' para explicar. Não se sabe quem, nem isso interessa, mas sabe-se que foi uma mulher. Uma portuguesa socialista cristã é que deu o dinheirinho. Ganhou o tipografo. Eles estão mais afeitos às letras do que eu. Pois é verdade. A noticia vem das mãos da propria Anónima. Vem a refilar. Começa assim:

Realmente acha que não há em Portugal portuguesas?

Eu cá sou o derradeiro a desprestigiar a mulher. Dantes, quando andava pelas prisões, não sei que me dava no peito ao ouvir a voz dos carcereiros: ali são as mulheres! E se os seus filhinhos estavam, como às vezes acontecia, pior. Mais dôr no meu coração! Eu sou o derradeiro a desprestigiar. Quizera vêr a mulher imune, cheia de privilégios, enobrecida, respeitada. Nós nascemos da Mulher! Mais. O mistério da Incarnação não se operou pela mulher mas sim com a mulher. Isto são verdades. Mas tais coisas vejo e oiço pelas terras aonde passo, que se me afigura ter a mulher esquecido esta sua grandesa, ocupada como parece andar com as grandezasinhas que ela faz. Que elas fazem, sim. Ora ele está tudo feito. Basta-lhes viverem a sua dignidade. Eis porque, senhora de Lisboa, eu não acreditei às primeiras e no caso presente, coloquei o homem no lugar da mulher. Fica tudo agora esclarecido. Os quinze mil leitores deste numero do Famoso ou famosissimo, como já lhe querem chamar, os seus leitores, digo, ficam sabendo agora, como eu também, que em Portugal há mulheres portuguesas. Oíça lá; quando vem por aí fora até Paço de Sousa? Diga para eu estar, ouviu? Também quero vêr como se apresentam as mulheres portuguesas.

Veem cá tantas, tantas, tantas, das tais grandes, nascidas e creadas em Portugal, sim, mas a gente fica a duvidar se elas verdadeiramente amam Portugal, por não quererem vêr que a desgraça destes meus filhos é feita, em parte, das suas grandezas!... Cá fico à sua espera.



MOVIMENTO DO NOSSO HOSPITAL DURANTE O MEZ DE SETEMBRO

Table with 2 columns: Description of medical cases and their counts. Includes 'Rapazes entrados nas enfermarias', 'Vacinados contra o tifo', etc.

Eis a nota oficial do enfermeiro, senhor Aloisio, que tem diploma e usa bata branca, dai os nomes terríveis que se vêm na supradita. Já tenho saudades do Jorge de Caide, sentado à beira do tanque, a picar as creadelas com um espinho de limoeiro: Outro! E lá ia outro doente: devagarinho ó coiso.

Aquêlê Estomatologia quer dizer doenças de boca e dos dentes. Teve de ir procurar no dicionário! Este jornal é dos rapazes. E' do povo. Dentes. Tirar dentes. Dantes era nas feiras. Um homem em cima dum móxo com uma corda dêles ó pescoço. Uma campainha. Uma turquez. Um grande aijanus. Um grande dente fôra. Meio tostão ó dentista. Pronto.

Agora—estomatologia. Uma sala com aparelhos que nos custaram pra cima de trinta e trez mil escudos e o Dentista, ainda por cima, vai dizendo de vez em quando: falta mais isto. Falta mais aquilo. Falta mais aqueloutro. Oh dores! Antes dôr de dentes.

Aqui, Lisboa!

Com um pé em Lisboa outro em Coimbra, vou contemplando alternadamente o panorama da Rua, ora do mirante da «altar», ora do Castelo de S. Jorge. Já tinha visto a escuridão de Lisboa à luz do sol. Desta vez, porque o combóio chegou tarde, tive ocasião de topá-la à luz dos tubos incandescentes.

—E' barato, é barato prâcabar—! gritava uma mulher de criança ao colo, com a marca de Alfama Ouve-se logo a seguir a voz máscula do cateleiro: é o mil e oitenta; é a última! cá está a sorte! Aqui e além uma voz de criança mais aguda e cortante que as lâminas que apregoa:—Cá está a Nacet! é a melhor! Só quem frequenta o tugúrio sabe o mistério que atrás destas vidas se esconde? Mesmo agora saiu daqui uma pobre mulher implorando misericórdia. «Fai ao Sr. Comandante da Polécia a pedir ajuda. E' um inferno em casa. Por pouco o meu marido não matou esta criança. Pôs-me na rua com estes sete filhos.

O Sr. Comandante não sabe o que há-do fazer, Disse-me que ficasse eu com metade dos filhos e o homem ficaria com o resto, mas eu quero-te todos porque me custaram muito a criar».

O que faz isto é a fome. Aquela desordem proveio precisamente duma cabeça de peixe que a criança comeu e que o pai tinha guardado para ele.

Mas voltamos às lâminas. Pergunto ao miudito onde morava—é por cá— respondeu.

—Dnde és? —Da Torres Novas!

Outra desgraça. Já não basta o lixo que a tra-peira deita para as ruas de Lisboa. E' a província que vem engrossar a avalanche. Quantas crianças não temos nós segurado, que iam a caminho da capital? Lisboa é a cloaca da província. Admirei há dias as obras da hidraulica do Liz. Pelas terras onde menino e moço brinquei, vi que construíram numerosos socales e açudes que seguram as areias. Assim se protegem os campos e os portos em construção. Por que se não faz o mesmo com o lixo da província que constantemente avoluma o enchurro da cidade?

Ora eu tinha dito que fazia do Castelo de S. Jorge o meu «mirante» e a ele volto. Aqui o assunto principal desta crónica.

Há muito que suspirava por conhecer de perto a fauna que povoa os bacos de Lisboa. Elas, as horas são tão escassas para movimentar os troilhas, picheleiros e carpinteiros do Tojal, que pouco me resta para visitas.

Naquela tarde um colega convidava-me para um passeio até Cascais. Estou aborrecido, dizia, se quiser venha comigo.

—Já não sei o que são férias nem passeios. Se eu tivesse tempo livre iria mas é ao hospital.

—Mas tem lá alguém de familia?

—Todos os doentes são da minha familia. Em vez do hospital subi então ao castelo para o conquistar como D. Afonso Henriques. Os mouros agora são outros. As vielas provávelmente são as mesmas. «Intra muros» três mil almas. Nem uma escola! No largo da igreja uma nuvem de crianças da nossa marca. Uma mulher vendia peras. Duzias delas saltavam para as mãos da malta. Ninguém teve medo da capa negra. Por mais uma pera iriam ao cabo do mundo. A força daquela vitamina p!

Entramos na ampla igreja. O pároco, um rapaz de alma ardente, expõe com mágua a situação do seu rebanho depois de oito meses de apostolado estéril: vinte e cinco pessoas à missa, das quais só cinco são da freguesia...

—Porque não funda aqui um patronato?

—E a casa? Nem para mim consegui arranjar...

—Se fôsse eu a si, Padre, arrumava a um canto os trinta santos que aqui vejo, fazia da igreja uma escola e um refeitório, dava sopa áqueles garotos que lá fora brincam. Depois do Pão, o Evangelho. Quando os estômagos estivessem choios, Deus entraria. Os santos voltariam com Ele.

—E o dinheiro?

—Dê pão, que o dinheiro aparecerá. Sei o que digo. Garanto-lho. Falo por experiência. Para que foi que no Evangelho ficou registado o «quarite prium regnum Dei»? O resto virá por acréscimo.

Não sei o que se pensará do meu conselho. E' provável que não falte aquele postal anónimo dum bom colega, a protestar solenemente, como sucedeu quando aqui disse que não tinha gostado de tudo o que vi em Roma.

Nós andamos habituados a um certo número de praxes e dificilmente queremos sair delas. E' mais cómodo deixar correr.

No princípio não foi assim, dizia o Mestre aos fariseus escandalizados. Não vale uma alma mais do que trinta imagens, mais do que a igreja de S. Pedro?

Mas para conquistar essa fortaleza que é a alma, é preciso dar de comer ao irmão corpo.

DO QUE NÓS

Mais de Cucujães roupas e duas toalhas de rosto. Mais da Régua cintos. Mais dois cintos, nome de terra ilegivel. Mais um casaco do meu filho, de Teixôso. Mais 50\$ do Porto. Mais uma data de cintos do Porto. Mais um pequeno embrulho, também do Porto, com dois cintos usados, a dizer que um era do meu Pai e outro do meu irmão. São os melhores. Sibem a comida caseira! No mesmo pacote, vinha mais uma data de chocolates, e o mesmo bilhete continuava: como não tenho cinto, mando as minhas guloseimas. Distribui pelos doentes do nosso hospital. Que outro destino se havia de dar a uma coisa tão preciosa?! Mais, sempre do Porto, uma senha do caminho de ferro com pães usados. Mais de Braga, da Dçaria S. Vicente; duas lindas caixas, por encomenda postal. Caixas tão formosas com Dçaria S. Vicente por fóra, que haviam de trazer dentro...? Pois não traziam não senhor. Era mas era cintos. Cintos. Tanto bastou pedi-los o famoso, para que as doçarias, em vez de doce, mandem outra coisa mais dôca: —cintos. Gosto do nome—Doçaria. Dantes era assim. Doçes feitos de açúcar farinha e ovos. A gente via e saboreava aqueles tres elementos. Agora não. Agora é Pastelaria. Só nos laboratórios é que se sabe de que é que os doces são verdadeiramente feitos! Nem cheiro nem sabôr. Cêr. Muita cêr. Corsinha. O mesmo se diz da antiga Bôtica e actual Farmácia. O mesmo da Estalagem—Pensão. E' o progresso. Senhora de S. Vicente, deixei estar a Doçaria na tableta e faça sempre doces à moda dantes. Não pinte os seus doces. Quem gosta de coisas boas, não vai às pintadas.

Outra vez cintos de Laga da Palmeira. Do Estoril 100\$ para a Casa do Gaiato de Lisboa para que eu recebi noticias de uma prissa há muito afustada. Sim senhor. E' assim mesmo que se trata. Tudo quanto levar o Sr, é negócio. Não aprovamos. Não somos; não queremos ser negociantes. Mais da Figueira da Foz dois cintos e dentro uma receita a dizer como se faz gispicho, para as merendas de verão. Estou como diz o Francisco de Casaldêlo: tudo ajuda. Mais de Coimbra dois cintos; alguém que saiu de casa com o propósito de ir à loja e das suas economias tirou para estes dois cintos. Deus acrescente o que fica. Mais de Castelo Branco cintos e latas de folha para fazer copos. Os pobres fazem tudo de tudo. Os do



O Mestre bem no sabia, e, por isso, antes da promessa do Pão Virto que desce do céu, deu milagrosamente pão e peixe; antes da instituição da Eucaristia — pão e carne; antes da instituição da Penitência — pão e peixe; antes da entrega do comando a Pedro, mais pão e peixe. Era assim então. Assim será agora. PADRE ADRIANO. Mais um P. S.—Sim senhor. Ponho aqui as minhas mãos. As duas. Se não fazemos agora destas igrejas um refeitório, fazem os outros amanhã uma cavalariça!

NECESSITAMOS UMA CARTA

campo e os dos bois e os serventes das obras já estão todos remediados. Cada um traz seu cinto. Mas antes, faziam cintos de tudo. Até de vimes torcidos! Mais 20\$ de uma admiradora. Mais uma tarifa de pneus usados. Mais cintos de Vizela. Mais de Coimbra. Mais do Porto. Mais de Portalegre uma pincada nas navalhas de barba pró Periquito e para a obra, dentro de um livro qualquer, por abrir, um papel de credito para trocar por moeda corrente. A carta que dá a noticia desta dadiva é devidamente assinada, é muito grande, mas ou dou aqui apenas o cabeçalho: *Durante largos meses, embora tivesse à mão O Gaiato, não lia o seu jornal, porque, vindo no cabeçalho o nome dum padre...* Mas agora lê, assina, manda coisas. Bendito seja Deus. Mais roupas de Lisboa. Lisboa, ó Lisboa, um bocado de paciência. Suspende, que dentro em breve tens ocasião de entregar em Loures. OI na própria cidade num Depósito a determinar.

Mais meia dúzia de cintos pelo correio. Mais um cinto idem. Fui dar com o Depósito abarrotadinho de cintos! Só um senhor apresentou 50 deles!! Pronto. Acabou. Já temos cintos para aqui, para Miranda e até para Lisboa. Alto!

Chamei Periquito para abrir a encomenda das oito navalhas de barba, que nos mandou a tal pessoa, a declarar não ter há mais tempo lido o famoso por causa do Padre que vem no cabeçalho, facto este de que nos ocupamos noutro lugar. Chamei Periquito. Enquanto abria a caixa ia dizendo: *olha que são oito.* Ele também dizia: *mais navalhas pró cachacos.* Pois enganou-se. Enganou-se redondamente. Eram oito navalhas suecas e alemãs, do que há de melhor! A relutancia desta pessoa, que aliás assina, em ter tomado há mais tempo contacto com a obra, por causa de ser um padre a dirigi-lo; esta relutancia, digo, é filha de um erro de logica muito em voga: *Sí, um, todos.* E' um erro, sim, mas tem o seu fundamento. E' que nós, os padres, por natureza da nossa missão, estamos constituídos em dívida perpetua para com a Humanidade. Devemo-nos a todos, totalmente, a começar por aqueles mesmos que não querem vêr o nosso nome. O'a a verdade é que nem todos são bons pagadores, daí o descredito.



Também necessitamos urgentemente duma peça de cotim, mas desta feita, não sou eu que a peço!... E mais nada.

Outro P. S. Desde já peço desculpa aos numerosos leitores, da massada de mais um ps, mas é que eu não contava. Foi no Porto. Foi num cambista do Porto que eu delirei, ao saber quanto valia o tal papel que veio dentro de um livro, de alguém e de algures, como atrás se diz. Foi na Rua das Flores. Entrei. Mostrei.

- Quanto valerá isto?
- Uns vinte contos!
- Quê? Que diz o senhor?

Quando vem alguma a dizer mal, eu também publico. Podesse eu aproveitar alguma coisa nelas! Quem é que não tem defeitos? Aonde a obra perfeita? Sim. Publico. E se nada aprendo nelas é que nada elas ensinam. Revelam fraquezas e mais nada. Ora disto também eu tenho, e não poucas. Disto, também sou mestre!

Vamos adiante. Eis a carta assinada por cinco rapazes de S. João da Madeira:

Embora um pouco tardiamente, vimos até junto de V. manifestar a nossa agradável surpresa pela obra grandiosa que nos foi dado apreciar e a nossa admiração ao sabermos que estão aí sete Gaiatos nossos conterrâneos.

Logo à entrada, fomos abordados por um cicerone todo amável, que viemos a saber ser o Chico, que, ao ser interrogado sobre a sua terra, logo respondeu, com a alegria a brilhar nos olhos inteligentes, que era de S. João da Madeira. Rejubilamos com esta feliz coincidência e, depois de reunidos os restantes Gaiatos que nessa ocasião aí estavam, percorremos as diversas dependências desse verdadeiro Lar.

Não tivemos a sorte de tratar, pessoalmente, com V. como era nosso desejo, para lhe transmitirmos, de viva voz, aquilo que nos ia nos corações. No entanto, a presença de V. era tão palpável como se de facto nos acompanhasse.

Dentro dessa quinta povoada, como por milagre de amor, por tantos garotos, sentimos qualquer coisa de estranho, que se manifestava nas caras risonhas dos rapazes, na arrumação de tudo, na hygiene tão perfeita, e, sobretudo, na liberdade com que fomos encontrar os Gaiatos, que não abusavam dela, antes a usavam com um tão perfeito entendimento que ficamos maravilhados.

Juntamos um vale do correio na importância referente às assinaturas do "Jornal do Gaiato" das pessoas indicadas abaixo. Os períodos de assinatura, que essas importâncias cobrem, são deixadas ao critério de V.

Com esta carta, vinha uma encomenda postal, de onde retiramos alguns pares de sapatos, boinas, cintos e lenços de mão. Apreciamos. Agradecemos. Mais, porém, uma lista de catorze assinantes, com o dinheiro à frente, a alumiar. Isto é que é! Isto é que vale! Catorze rapazes a lêr, a falar do que leram, a passar a outros:—O rastilho da verdade!

Um alvitre: Eu gostaria de ir, como já fui duma vez, falar no cinema daquela terra. Poderia ser agora nas noites grandes, uma palestrinha...! Como temos o Morris, não é necessário dormir em casa de ninguém. Chegar às tantas, dar o recado, regressar e acabou. Facilidades para todos. Da outra vez trouxe algum, sim, mas não tudo. Ficou por lá muito dinheiro. Desta, há-de vir mais. Porque? Porque muitos Sanjoanenses tem vindo à nossa casa, tem visto—e tem sentido. Tanto, que gostam de dizer aos outros *aquilo que lhes vai no coração.* Sim, desta vez há-de ser mais. Espero carta de chamada.

Noticia solta de Miranda

Houve um tribunal no outro dia e como lá se disse que andando muitos juntos e não andando ninguém a tomar conta, quem tomava conta era o mais velho; houve hoje uma grande discussão por causa disso. Estava o carro chelo de canollos e nenhum queria ir à frente. O Gil disse que ele é que mandava e logo o Humberto pequeno disse que o mais velho era ele. Como estava ali o Mario sem camisa, o Humberto pequeno para mostrar que mandava, mandou o logo vestir a camisa, mas nisto o Gil disse para o Mário não se vestir, pois ele ainda não tinha dado tal ordem.

Apareceu o cantoneiro da estrada e disse que dava um biquinho a cada um por causa do berreiro que estavam a fazer. Foi emêllo santo. Foram-se todos embora e nenhum mais se lembrou de mandar.

—Uns vinte contos!
Alguém que não lia o jornal por ver no cabeçalho o nome de um padre, mas um dia pegou-lhe, por desfastio para usar a palavra dele, e: *claro que desde então saboreio o Gaiato de cabo a rabo.* Não diz lei. Diz saboreio, e é verdade!

OUTRA CARTA

Desejava assinar «O Gaiato». Já o conheço porque a minha irmã assina-o e, em Coimbra, onde estudo Medicina, também o costume comprar quando encontro os gaiatos de Miranda. Mas agora quero associar-me mais intimamente a essa divina Obra de restituição da dignidade humana a esses nossos irmãos menos favorecidos.

Vou mandar um vale de correio 100\$00, para pagar a assinatura. Não representa grande sacrificio porque o Senhor fez os meus pais depositários de alguns bens de fortuna.

Meu Padre, além do bem que me fez por intermédio de «O Gaiato», queria-lhe ainda pedir o favor das suas orações.

Peço-lhe, sobretudo, que rogue ao Senhor, para que eu seja muito puro. Pureza! E' o que eu mais ambiciono para mim, para todos os jovens de Portugal e do mundo. Creio que só ela dará a tranquilidade e a paz, o respeito mutuo entre os individuos e os povos.

Só fugazes condições de fortuna me distinguem desses meus irmãos, de resto tenho, como eles de vencer muitos vícios, de fazer germinar algumas boas sementes, de escalar pouco a pouco a montanha no alto da qual brilha a Cruz.

Tambem eu, meu caro rapaz. Também eu, se não parecesse mal, havia de pedir as suas orações por aquela mesma intenção que pede e deseja as minhas! Sem ser um teologo, este Mõço enuncia nesta sua carta o dogma do pecado original. Talvez que assim prégado por um estudante de medicina, êle seja acreditado por muitos que até hoje não acreditavam,—e comecem a procurar o remédio. Qual é êle? E' ainda o mesmo prégador que o indica. Vem lá na carta.

Quando duma vez li num jornal que em certo asilo de velhos, um velho de oitenta anos matou outro da mesma idade por questões de ciúmes; quando vi esta noticia no diario, tremi. O quê? Aos oitenta anos?! Sim senhor. Aos vinte como aos oitenta. Qualquer idade. Qualquer estado. Qualquer terra. Sempre e em toda a parte o dogma. Os dogmas são fundados numa verdade eterna. Sim. Também eu, se não parecesse mal, havia de pedir orações a quem mas pede, justamente para o mesmo fim...! E ponto final. Não devo ir mais longe para não ofuscar o prégador de hoje. Sõmente um reparo. Qual é êle? E' o saber a gente que apesar de tudo, ainda há no mundo um maior numero de sábios impertigados do que de sábios humildes!

Notícias de Miranda

1 A nossa festa em honra de Santo António foi muito linda. No sábado à noite foi dado o sinal de que a festa se realizaria no dia seguinte. A missa foi cantada pelo nosso grupo coral. Durante a missa um grande estrondo se ouviu, foi uma forte rajada de vento que atirou abaixo uma janela da sacristia quebrando todos os seus vidros. Durante a missa os ares eram cortados em todas as direcções por foguetes. A tarde rezamos o terço, cantando-se durante ele. Assistiram muitas pessoas do lugar trazendo as suas ofertas para no fim serem vendidas em leilão cujo produto foi para a capela. Depois houve o sermão que tratou das virtudes do santo e sobre o evangelho da missa. Em seguida houve o leilão no qual se venderam muitas foguetas. Ao fim de tudo e de já terem estourado todos os foguetes, chamaram-se os mordomos que apresentaram as contas rendendo estes 508\$50.

2 Já se retiraram finalmente para Coimbra as colónias de férias. Muitos de certo foram com as lágrimas nos olhos por não poderem cá estar mais tempo e ao saberem que vão voltar para a mesma miséria e para a mesma ruína. Além de tudo isto também levam sorrisos na boca na esperança de voltarem para o ano. Deus queira que o Snr. Padre Américo tenha sempre saúde para continuar esta obra que tantos tem salvado da ruína e da miséria.

3 Já voltou da Figueira o nosso estimado professor. Vem bastante forte, pronto para todas as «intempéries» escolares. Deus queira que leve muitos a exame.

4 Desta vez já não se foi à Figueira vender o jornal. Já lá está pouca gente. Em Coimbra venderam bastantes e tiveram muitas gorjetas. Já foram à Louzã e hoje irão a Miranda.



O Gaiato

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Director e Editor — PADRE AMÉRICO

4.ª Página — 18 de Outubro de 1947

PIRIQUITO foi a um caderno de papel de 25 linhas, cortou, cozeu, e fez dele um pequenino livro aonde assenta o nome daqueles que não-de cortar às sextas feiras. Ontem à noite, depois da ceia, foram chamados. O caderno diz por fóra: *cabelos para cortar*.

E' o letreiro. E' a taboleta. Vou dar aqui os nomes tais quais *Piriquito* chamou: Olinhos, Fozcoa, Ernesto, Pernas, Marco, Gastão, Corre, Poveiro, Linhas, Pereira, Rato, Pintarôxo, Santa da Lenha Tirolho, Malaio, e disse. Estes os de sexta feira. Na mesma hora e data, foram avisados os da segunda imediata. *Periquito* rapa às 2.ª e 6.ª. Mais nomes: Santa da Pedra, Chegadinho, Barros, Valette, Inácio, Taquedinho, Bento, Tira olhos, Camões, Ardina, Russo, Solimuna, Miguel e disse.

Eu acho uma adorável irreverência a leitura solene destes nomes em acto de comunidade.

O Sapo anda aqui delirado. Ele canta. Ele salta. Ele delira. Porquê? E' ele mesmo que o diz: *Os senhores gostam muito de mim. Os senhores chamam todos por mim. Dizem que eu que mostro muito bem. Começa sempre pelas capoeiras. Entia os visitantes nas ditas. Puxa-os. Quere que eles entrem e só depois é que começa a explicar. E' a obrigação dele. E' o seu trabalho. Ele tem no amanho das capoeiras a sua obra. O que faz uma obra grande é aquilo que ela tem de nós. Os galinheiros da nossa aldeia, teem muito do Sapo, por isso mesmo, — os senhores chamam todos por mim! Era estérco dos caminhos este admirável rapaz!*

A CABO de chegar de fóra e dou pela falta do nosso Rádio. Um aparelho que nos deram pelo Natal do ano passado. Estava no salão da casa-mãe, ao canto, sobre uma meza de pinho coberta com um pano vermelho. De muito zingarilhar, tinha uma peça partida. Não funcionava há um rôr de tempo. Dei pela falta dele, como ia dizendo, e quiz saber.

— Foi uns senhores
— Senhores quem?
— Foi uns senhores que cá estiveram e levaram para arranjar.

Comecei a desfiar e vim a saber que realmente assim acontecera. Visitantes amigos e interessados nas nossas coisas, viram o aparelho, deram com o defeito e levaram para consertar. O que tem graça é a maneira como isto se fez. A confiança ilimitada dos nossos rapazes naqueles senhores que nos visitam. O carinho que nasce no peito dos portugueses pela obra dos portugueses. Os rapazes não perguntaram, nem os senhores disseram de que terra são. Meteram o rádio no automóvel e desandaram. Qualquer dia regressam. Confiança. Boa fé. Amizade. Humanismo. E' o clima da obra da Rua. Clima natural, espontâneo, sem mesclas. 'Água a brotar.

Ele poderá haver no mundo um povo sem tribunais, sem cadeias, sem força armada; chaves na porta, janelas abertas, gente de braço dado? Poderá? Não pode. Porquê? Por via do pecado original. Então quê; tudo perdido? De maneira nenhuma.

Menos tribunais, menos cadeias, menos tranças, menos crimes, aonde reinar o Evangelho. *Venha a nós o vosso reino.* Não sei se me faço compreender. Quizerá que todos compreendessem.

VEIO hoje o Fernando de Coimbra fazer a sua semana de férias. Também está o Amadeu Elvas. Tiveram sorte; vindimas!

Ontem, fizeram, também, o seu fim de semana o Oscar, o Zé Eduardo e o Prata. Se fossemos a considerar a parte económica, nunca viria nenhum. Cada passagem custa 13\$20. Eles são um mundo. Eles veem regularmente. De sorte que, no fim do ano, os algarismos seriam de meter medo. Mas a gente aqui não teme os números. Tememos mas é os rapazes. A educação. O futuro deles. Ora a vinda de cada um a casa-mãe, é um banho de moral. *Deixe-me ir que o meu livro de notas está limpo.* Este era o Oscar, mas todos eles assim falam. Eles já sabem... Agora, por vindimas, com certeza o cronista da quinzena não deixa passar o acontecimento. Não pode. Pois que coisa há de maior vulto na nossa aldeia do que os dias da vindima? O cronista não deixa passar, sim. Mas eu também quero dizer. O cronista é besta

passava por cima dos muros! Na cozinha, também se sentia a vindima. Menos comida. Quem havia de a comer? Porém, de entre todos os episódios, o que mais me sensibilizou foi este: Eu seguia avenida abaixo e topei o Abel com um tabuleiro de cachos deliciosos. O Abel é um pequeno loiro, sorridente, humilde—abandonado! Tem ido vender o famoso, e desde que o faz, conquistou e ainda não perdeu a camisola amarela!

Grande miséria a dos seus pais, se é que ele os tem de não poderem fazer seu, aquilo que deles é! O' desdita! *Ela não me pode ter*, dizia-me há dias com lágrimas, falando de sua mãe, um dos nossos mais adoráveis rapazes! Ora isto é que eu chamo uma injustiça. A Injustiça Social. Não fornecer ou tirar à Mãe os meios legítimos, de possuir totalmente a sua

Isto é a Casa do Gaiato

legítima riqueza! *Ela não me pode ter.* Uma criação inocente, na aldeia dos rapazes, condena o mundo culpado! O Santuário d'almas! Por isso todos nos que-rem! Que o diga o *«do que nós necessitamos!»*

Mas vamos lá. Continuemos, para que não venha a dar em basófia este meu doutrinar. Topei o Abel, com o tabuleiro de cachos escolhidos por ele, de entre os melhores.

— Para ande levas isso?
— E' prós nossos doentes!
O Rebotalho. A Crápula!

O cisco que tu fazes e odepois calcas! Já gostava muito do Abel, mas nunca o vi tão homem, como daquela vez, a subir a nossa avenida com um tabuleiro de cachos que ele mesmo foi colher, orvalhados, para os doentes. E' prós nossos doentes.

Senhor do Céu; se arrelias, se tristezas, se desânimos, se espinhos, se dores! se tudo quanto afflige: — Mandai mais, Mais, Senhor, e fazei que eu ame mais.

O Piriquito compareceu na vindima. O Piriquito não podia deixar de comparecer na vindima. Porquê? Por causa do barulho. A vozearia. A desordem. Tudo elementos favoráveis aos gostos e necessidades do Piriquito. Vinha de Sapatos amarelos, meias brancas, calça mescla da *Mocidade*, blusa verde ás riscas brancas, camisa da dita côr, risca ó lado, brilhantina, e um pente côr de roza no bolso da blusa. Muito chique.

Cheguei ontem de fóra, á noite, e ouvi queixas dos cicerones. Desavenças entre os ditos. Excesso de zelo. Foi assim. A tropa andava toda no recreio, á hora dele, quando se ouviu a campainha do portão da avenida. Visitantes; *Melgaço* e *Pirulas* acodem imediatamente á rotunda da capela, aonde os carros teem por habito estacionar, e ali esperaram. Mas o Sapo foi mais fino. Que fez o Sapo? Foi ao encontro do carro em plena avenida, faz alto aos visitantes! Estes param!! Sapo sobe e quando oa seus colegas se preparavam para tomar conta, em cima na rotunda, já ele, o Sapo, tinha tomado conta!! Seguiu-se uma tremenda discussão entre eles, já se vê. Não podia deixar de haver sarilho Houve sarilho. Para evitar estes escandalos e não dar má impressão aos de fóra, delibrou-se fazer um curso de civismo aos nossos cicerones. Prelecções. Vamos a vêr.

UVAS vindimadas, aí veem os nossos trabalhos. Os sustos de cada hora. O rebuscar. Os *Batatas* de pau na mão, por cima das latadas. Caiu agora mesmo um abaixo. Foi o *Pretita*. Vinha no colo de um dos grandes, a caminho da enfermaria, a heriar, quando outro maior se aproximou: — *Dá cá!* E lá vai este agora, aos beiços no sinistrado: *Escuta que não foi nada.* Assim dizem as mães! A quem havia de amar este rapaz, que ontem fez 18 anos; a quem, se continuasse na Rua? Beijar quem? Como, se ele tinha somente e a toda a hora um problema muito sério: arranjar de comer. Hoje, porém, que outros o ajudam, também ele quer ajudar os mais. *Escuta que não foi nada.* Consolar assim uma criança, é revelar bondade. Eu saí da janela de onde tudo

regação do que o trouxera: *Escuta!* O enfermeiro verificava. Nada partido, mas algo fóra do lugar. Enfermeiro ageita. *Pretita berra: ai que eu não posso mais, á que delrei!*

O *Pretita*, tem muitas simpatias cá na aldeia. Ele é adorável. Como são três irmãos, todos muito trigueiros, o mais velho chama-se o *Preta*, a seguir o *Preta das casas* e este é o *Pretita*. Tem muitas simpatias por ser ele quem guia o senhor Joaquim, o cego. E ser ele, também, que leva pela mão uma ceguinha do lugar, que todos os dias vem comer o caldo mais nós. Vida piedosa. Horas piedosas.

Assim se presta culto a Deus.

TREZ dos possos do Lar do Porto, foram a férias. Tomaram o flecha das dez e quê. Cada um com seu fato novo, tal qual o escolheram, penteados, contentes. Fazia cobiça vê-los. Na estação um mar de gente. O povo olha, repura, regosija-se: *já ganharam. São dos que ganham. Olha que lindos.* E' a sequência das conversas caseiras. Fala-se á lareira das casas do Gaiato. Se na ausência se fala, que dizer na presença! *Olha que lindos!*

Enquanto o Júlio compra os bilhetes e

por fóra da pele. Lá por dentro, são outra coisa. Não são fato novo. São irmãos. Ora isto mesmo é que eu quero.

HOUVE ontem á mesa uma grande disputa. Cête e Avelino puxavam por uma colher, cada um para seu lado: *Deixa que é minha.* A colher quebrou. Era de alumínio, das baratas. Lá se foi. Em uma outra meza, aonde um deles tinha ido por ela, também havia alarido. *Pousa que não é tua.* Depressa se descobriu a causa dos sarilhos nas duas mesas. Não havia colheres que chegassem para todos. Agora há. Mandou-se por elas no dia seguinte a Penafiel. Não aceitaram dinheiro e que quando quizessem, era só mandar. Quanto não agradeço ao nosso Bom Deus!

Enquanto ouvia no refeitório as vozes da *revolta* e sem saber ainda do que verdadeiramente se tratava, pensei logo num tribunal. Fazer um tribunal. Chamar a contas. Porém, ao notar que era negócio de colheres, mudei de opinião imediatamente e fiz a única coisa que se deve fazer. Dar a cada um a sua. Pronto. Ninguém mais piou. Qu m quiser tapar as bocas do mundo, é dar a colher a quem a merece e não a tem. E se o barulho for tal que haja de haver tribunais, que

estando ao pé dele os outros dois, aí veem os da antiga igualha: *anda lá Júlio, uma senha.* Veem como estão; sujos, desgrenhados, mal comidos. Veem pedir de comer: *Uma senha.* Os meus de agora, ontem como eles, não repõem. Não afastam. Dão senhas da Legião. Pedem-me senhas para dar. Fritam-me por senhas. Dão familiarmente. Amistosamente. O fato novo é um simples adorno

vá pró banco quem deve ir. No caso deste tribunal que por um momento pensei fazer, não era o Avelino, não era o Cête, e mais eles partiram uma colher. Não era ninguém. Era eu que me devia sentar e ser julgado. Por isso num instante me reabilitei. Mande buscar 250 colheres. Fartura. Farturinha. Agora é um regalo estar no refeitório á hora de comer. Que paz!

Crónica da NOSSA ALDEIA

Escrita por Cête

1 Temos na nossa Aldeia mais uma casa de família quasi acabada de construir. Depois mais 50 rapazes para jogarem a bola conosco, e o Snr. Padre Américo pode ir arranjar uma casa mais longe do que a choupana da Mata.

2 Temos uns 15 dias de férias de Doutrina e nesse tempo fazemos uns treinos de futebol, com o Sérgio por treinador.

O Sérgio é um bom elemento, porque os de Paredes já o queriam para o grupo deles, e os de Penafiel também queriam e assim nem para o Paredes, nem para o Penafiel. Pois o Snr. Padre Américo não o deixou ir; também queriam o nosso Pepe um guarda-redes formidável, é espanhol. Se os dois fossem ficava o Grupo dos Gaiatos sem dois elementos de Grande Categoria.

3 Tivemos uma grande alegria, no dia 29, foi a nossa vindima das uvas tintas, foi comer até deixar, foram muitos homens colher, e os rapazes do campo. Ao meio dia um cêsto de uvas para o refeitório, todos os lugares tinham uvas.

E na hora do recreio isto é que foi comer uvas, tudo foi lá para baixo, uns dependurados nas ramadas, outros nas árvores e tudo comia uvas, até os mais batatas que eram pequeninos, mas também comiam. Á noite foi um tacho para cozer batatas com bacalhau, para os que ficaram a pernoitar na adega e pisar as uvas. Alguns rapazes que tinham armários meteram lá uvas para guardar, e quando não houver gaipas nas ramadas, eles teem nas guardadas e quando lha-

4 Injecções contra o tifo, são dadas nas costas e a malta foge delas, os primeiros a toma-las foram chamar os outros, que as injecções não doiam nada, eles muito contentes, foram logo toma-las, passadas algumas horas, logo o líquido fez efeito, uns para cada lado, com o braço ao peito, e a dizerem mal do Snr. Doutor, para que veio cá ele dar estas malditas injecções só para nos matar.

Os que tomaram diziam uns para os outros, eu nunca mais lá apareço e tu? eu também não! e assim andaram dois dias sem poder trabalhar. O pior é que ainda temos que tomar três.

5 O Piriquito foi esconder uns cachos de uvas, mas os companheiros são mais espertos do que ele, foram lá e comeram-lhas. Quando o Piriquito lá foi ficou a ver navios, uvas que te vistes, comeram-nas. O Piriquito é o nosso barbeiro, e andava se a desmazelar muito porque não cortava os cabelos, mas o snr. Madureira ameaçou-o de que não lhe pagava ao fim da quinzena, e ele agora já se tem portado melhor, até já fez uma lista para cortar 30 cabelos por semana para chegar ao fim do mês tê-los todos cortados.

6 No dia 7 de Outubro começaram as aulas. Ás 9 horas toca a sineta para os rapazes irem aprender a ler, e a escrever. Alguns já têm o exame da 3.ª classe feito; outros passaram da 2.ª para a 3.ª classe, e também tem rapazes que ainda andam na primeira classe, esses são os mais malandros que não gostam de ir para a aula. Os Senhores professores têm muitas re-